

709.81  
V4262



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Herczyński, Andrzej

Manoel Veiga : cartografias de mundos  
inexistentes = Manoel Veiga : cartographies of  
non-existent worlds / Andrzej Herczyński, Heloisa  
Espada ; [coordenação Manoel Veiga ; tradução  
Beatriz Viégas-Faria, Cid Knipel, Philip  
Somervell] ; entrevistas Agnaldo Farias, Diego  
Matos. – Santo André, SP : IpsisPUB, 2023.

Edição bilingue: português/inglês.  
ISBN 978-65-89200-14-7

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos  
2. Pintura - Brasil I. Espada, Heloisa. II. Farias,  
Agnaldo. III. Matos, Diego. IV. Título. V. Título.  
Manoel Veiga : cartographies of non-existent worlds.

23-145808

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

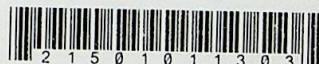
1. Artes visuais 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Textos\_Texts  
Andrzej Herczyński  
Heloisa Espada

Entrevista\_Interview  
Agnaldo Farias  
Diego Matos

MAC-Museu Arte Contemporânea

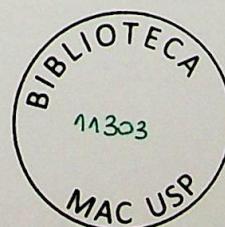


2 1 5 0 1 0 1 1 3 0 3

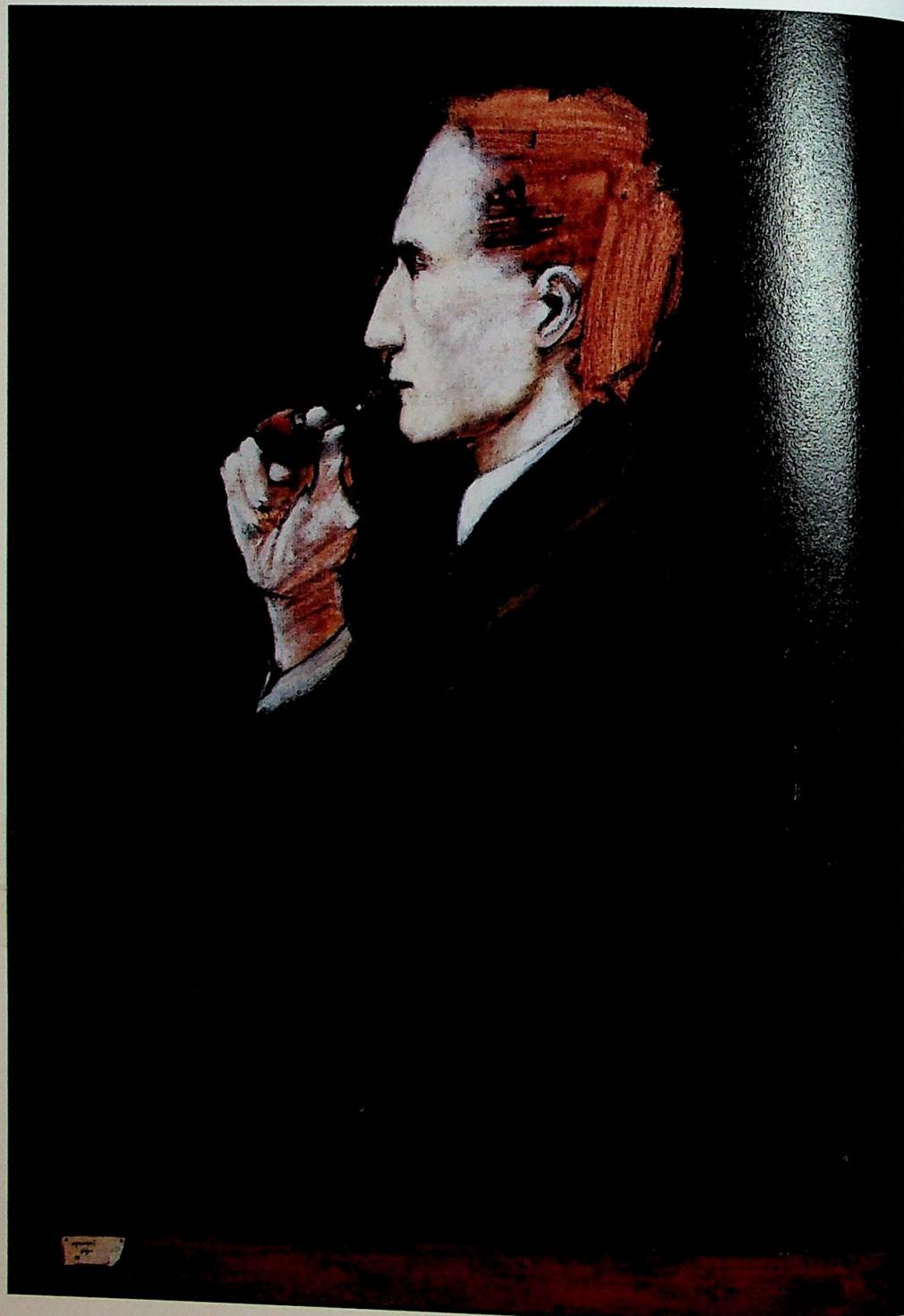
Manoel Veiga : cartografias de mundos inexistentes =  
Manoel Veiga : cartographies of nonexistent wor

L-011303

MANOEL  
VEIGA  
CARTOGRAFIAS DE MUNDOS INEXISTENTES  
CARTOGRAPHIES OF NONEXISTENT WORLDS



1ª EDIÇÃO - FEVEREIRO 2023



**Sem título Untitled ID178, 1997**  
Acrílica sobre tela Acrylics on canvas  
84x59 cm  
Coleção collection João Marinho

## CARTOGRAFIAS DE MUNDOS INEXISTENTES. MANOEL VEIGA

Heloisa Espada

Num primeiro momento, as pinturas de Manoel Veiga se parecem com a vista aérea de uma paisagem de fluídos coloridos, que ora esbarram em sedimentos, ora se penetram e se confundem. Rios sem margens – ou de limites difusos – em que a forma é consequência de seus próprios percursos.

A aparência de vista aérea se justifica, entre outras coisas, pelo fato de o artista trabalhar com a tela deitada no chão. Não há marcas de gestos porque ele não usa (ou usa muito pouco) o pincel. O principal instrumento é um borrifador de água, daqueles de molhar roupas ou plantas, que direciona a tinta de forma indireta. O trabalho começa com a seleção de pigmentos não somente a partir de critérios cromáticos, mas de acordo com a forma, o peso e o tamanho. Uma vez que a mistura de tinta acrílica é aplicada sobre a tela, Veiga borrifa mais ou menos água na superfície das obras, levando em conta que as cores de pigmentos maiores e mais pesados vão afundar mais rápido do que os leves, que tendem a acompanhar o movimento da água. Suas pinturas registram um processo de negociação com fenômenos que estão por toda parte: gravidade, difusão e capilaridade. Ao invés de representar a natureza, o artista trabalha com ela para imaginar novas configurações de espaço e tempo.

O vínculo com a ciência tem origem na formação de Manoel Veiga em Engenharia Eletrônica e na experiência como pesquisador em laboratórios de física. Após se dedicar a fundo ao estudo das técnicas de nomes icônicos da história da pintura, tais como, Hans Holbein [c. 1497-1543], Caravaggio [1571-161] e Jean-Auguste Dominique Ingres



[1780-1867], por volta de 2000, a pintura se tornou um lugar de experimentação e de reflexão sobre a dinâmica dos fluídos. Sua arte é uma espécie de laboratório onde é possível manipular leis da natureza que regem o cotidiano e a relação das pessoas com o tempo, escolhas pessoais e aquilo que acontece à revelia dos desejos, como o envelhecimento dos corpos e a movimentação de matérias diversas no espaço. Como ele mesmo costuma dizer, “o caos total e o controle total são duas utopias. Estamos sempre no meio dessas duas coisas”. Em suas obras, Veiga trabalha com probabilidades estéticas a partir de conceitos da física e da química.

De 1994 a 1999, nos primeiros anos da transição da Engenharia para a arte, o artista se dedicou sobretudo a técnicas tradicionais como uma forma de conhecer e dominar materiais da pintura. No entanto, o interesse pela ciência, pela fotografia e pela arte de seu próprio tempo fez com que seu trabalho logo se tornasse um campo de experimentação tanto estética como conceitual. Não sem ironia, em 1997, Veiga realizou um retrato de Marcel Duchamp [1887-1968], outro mito da história da arte, misturando técnicas usadas por Rubens [1577-1640], Caravaggio, Cézanne e Holbein [ver a assinatura em *trompe l'oil*]. A escolha do inventor do *ready made* como modelo indicava que, na trajetória de Veiga, a destreza técnica

não seria um objetivo em si, mas uma etapa de um percurso crítico sobre os modos da arte existir e comunicar.

Sem seguir uma ordem cronológica, *Cartografias de mundos inexistentes* apresenta pinturas e fotografias realizadas principalmente nos últimos 15 anos. Além de várias etapas de suas pesquisas sobre dinâmica dos fluídos, há exemplos da série *Construções*, imagens noturnas de edifícios em obras, em que o artista explora aquilo que apenas a câmera digital é capaz de ver; da série *Hubble*, feita com a manipulação digital de imagens do famoso telescópio da Nasa; *Matéria escura*, em que a obra de Caravaggio é estopim para uma nova investigação sobre o espaço; e a recente série *Especetros*, na qual o artista funde fotografia e pintura.

As obras de Manoel Veiga dão a ver fenômenos científicos onipresentes, que agem quase sempre no cotidiano de forma sutil e silenciosa. Ainda assim, mundos inexistentes são imaginados a partir de certos anseios. Sua poesia vem da busca de um equilíbrio [certamente fugaz] entre o desejo de mudança pela ação individual e o fluxo de acontecimentos sempre fora do controle.

**Heloisa Espada**

Professora e curadora do MAC USP